

LEONARDO MOTA NETO

CORREIO BRAZILIENSE

5. NOV 1967 "Centrão" é manobra tardia?

AME
p. 2

Mesmo os líderes que condenam a pressão do núcleo moderado e conservador que se forma em torno do Presidente da República para impor seus pontos de vista à Assembleia Constituinte reconhecem seu direito de aglutinar blocos, mas não o de pressionar um poder legitimamente eleito para adoção de um substitutivo "in totum" ao texto do relator Bernardo Cabral que vem sendo votado na Comissão de Sistematização. O Governo peca porque articulou com atraso o chamado "Centrão". Já deveria tê-lo articulado bem antes, tomando cuidado para evitar que o enfrentamento político chegasse a esse ponto.

O senador Marco Maciel havia se surpreendido, há pouco tempo, quando voltava de viagem à Alemanha, com o distanciamento olímpico com que o Chefe do Governo acompanhava os trabalhos da Constituinte, em fase muito menos bulhosa do que esta. Foi através dos alertas do presidente nacional do PFL que Sarney resolveu partir para a luta, mas o fez de forma desordenada com o discurso à Nação, em que anunciou o plano de colheita de assinaturas para apoio político, um objetivo tão malfecho quanto os erros de comunicação que cercaram a fala presidencial. Não era por essa via que Maciel imaginara o reforço à base de sustentação do Governo, mas um pacto político entre as lideranças nacionais, através dos presidentes dos partidos,

com o que completaria o entendimento que vinha costurando há meses.

Não tendo seguido a linha da negociação de alto nível, o Presidente da República se vê agora na necessidade de abrir as portas do Palácio da Alvorada a um grupo heterodoxo de políticos, como se tivesse jogado a rede para pescar, em águas turvas, o que vier para atender sua necessidade de se estabilizar. Está claro que Sarney aposta tudo na aprovação do presidencialismo, não por ambição de manter-se no poder, mas para cumprir as cláusulas do contrato tácito de segurança política firmado com os chefes militares.

O que lhe compete agora é recuperar o tempo perdido, isso se o conseguir, tentando impor pela pressão o que deixou escapar pela via da negociação direta com os partidos. Afinal, o poder central é experimentado nesse jogo de pressões para obter resultados favoráveis no Congresso. Foi assim na eleição do então deputado Nelson Marchezan para presidente da Câmara, numa operação das mais onerosas de que se tem notícia nas votações parlamentares, valendo recordar que um posto da Caixa Econômica Federal chegou a ser instalado no edifício do Congresso, para atendimentos especiais. Essa é a linguagem pela qual o poder se expressa. Mas não será lícito aguardar respostas iguais do poder político: submissão e vassalagem, por exemplo.